



O *Inferno* de Dante e a simbologia do sétimo círculo **The Dante's *Inferno* and the seventh circle symbology**

Solange Ramos de ANDRADE¹
Daniel Lula COSTA²

Resumo: O período do século XI ao XIII foi marcante para a expansão do inferno cristão. A crença no maligno aumentou o medo frente ao desconhecido e possibilitou a estruturação de um inferno punitivo. O poeta Dante Alighieri construiu uma geografia para o inferno, paraíso e purgatório cristão por meio das representações coletivas do homem medieval. Utilizaremos o conceito de *representação* para discutir a simbologia do inferno de Dante, focando na estrutura de seu sétimo círculo, onde são punidas as almas violentas.

Abstract: The period between XI to XIII century was remarkable for the expansion of Christian hell. The belief in evil increased the fear of unknown and enabled the structure of a punitive hell. The poet, Dante Alighieri, made a geography for Christian hell, paradise and purgatory by means of collective representations of medieval man. We'll use the concept of *representation* to discuss the symbolism of Dante's inferno, focusing in the structure of its seventh circle, where the violent souls are punished.

Palavras-chave: Inferno – Dante – Idade Média – Violência – Demônios.

Keywords: Hell – Dante – Middle Ages – Violence – Demons.

I. O Inferno Dantesco

O imaginário medieval é um grande objeto de estudo que agrega diversas representações sobre e da religião medieval. Grande parte de sua estrutura é originada pelos mitos de civilizações antigas que participaram das reformulações de conceitos praticados pela própria igreja cristã, no intuito de expandir o número de seus fiéis. O próprio conceito de inferno cristão é

¹ Profa. Dra. do Departamento de História da UEM-PR. Coordenadora do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em História das Religiões da UEM/PR. *E-mail:* sramosdeandrade@gmail.com

² Mestrando em história pelo Programa de Pós-graduação da UEM. *E-mail:* daniellcosta23@yahoo.com.br

associado ao mundo dos mortos da civilização grega, também conhecido como Hades, mais propriamente a parte denominada Tártaro. As diversas cavernas, rios e lagos que ficaram próximos a antiga Grécia possibilitaram que o imaginário de sua civilização estruturasse o que seria o mundo dos mortos; composto por grandes rios, diferentes espaços e grandiosas cavernas.

Seguindo este raciocínio passamos a mergulhar no próprio conceito de inferno divulgado pelo cristianismo, fortalecido entre os séculos XI e XIII.³ Um local com demônios, almas danadas, onde o fogo e a punição predominam. Esta idéia de submundo e de espaços do pós-morte permitiu que Dante Alighieri escrevesse sua obra: “A Divina Comédia”, dividida em três partes: inferno, purgatório e paraíso. A concepção de mundo medieval possibilitou que o poeta estruturasse de uma forma inteligente e representativa a geografia do inferno, do purgatório e do paraíso. Para continuar, faremos uma pequena biografia do autor e uma descrição do inferno dantesco.

Dante Alighieri nasceu em Florença em 1265.⁴ Por meio de suas obras é possível afirmar que ele zelou de ótima educação. Foi aos nove anos de idade que ele avistou pela primeira vez a pessoa que mudaria sua vida: Beatriz. Mas o poeta acaba se casando com Gemma Donati por meio de um acordo matrimonial. De acordo com Strapação,

Dante aprofundou-se no estudo das artes da fala e depois seguiu o caminho das formas. Estudou a risca o *Didascálion* de São Vítor onde a gramática é a ciência do falar sem erro, a retórica é a disciplina para persuadir sobre tudo o que for conveniente e a dialética, aqui substituindo a lógica, é a disputa que distingue o verdadeiro do falso. [...]⁵

Dante Alighieri dedicou sua vida à política, mas acabou sendo exilado. Durante este exílio ele começa a se concentrar no desenvolvimento da “Commedia”, que passa a ser conhecida como “A Divina Comédia” no século XVI.⁶ O sentido da palavra “Commedia” provém da antiga Grécia, ela contradiz as tragédias gregas, seu significado caracteriza a existência de um

³ NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no Imaginário Cristão*. Editora Ática, São Paulo, 1986, p. 45

⁴ Informação encontrada no prefácio da “*Divina Comédia: Inferno*” – Prefácio por Carmelo Distante, tradução e notas por Ítalo Eugenio Mauro. Edição bilíngüe da “*Divina Comédia*”, Editora 34. 2008, p. 9.

⁵ STRAPAÇÃO, Márcio José. *Beatriz: a Figura do Conhecimento como uma Ascese em Direção ao Espírito*. 2009, p. 19.

⁶ Informação encontrada no prefácio da “*Divina Comédia: Inferno*” – Prefácio por Carmelo Distante, tradução e notas por Ítalo Eugenio Mauro. Edição bilíngüe da “*Divina Comédia*”, Editora 34. 2008, p. 9.

grande sofrimento da personagem durante o início da obra, e a conquista da felicidade no final.⁷

Como já foi dito, o poema é dividido em três partes: o “Inferno”, composto de 34 cantos; o “Purgatório”, por 33, e o “Paraíso”, por 33, totalizando 100 cantos. Como o primeiro é uma introdução, são 99 os cantos que narram a jornada. Esses cantos foram feitos dentro de um rigoroso esquema de rimas, exclusivo do autor (ABA BCB CDC). O esquema métrico e o número de cantos correspondem a um múltiplo de três, número simbólico para o catolicismo que representa a Santíssima Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.⁸

O imaginário medieval e suas representações coletivas estão presentes na obra de Dante, o que possibilita a descrição da concepção de mundo existente no período. O foco do poema é a determinação do Dante-personagem na busca pela sua amada Beatriz que se encontra no paraíso. Desta maneira o personagem é guiado em sua jornada pelo espírito do poeta Virgílio, pelo inferno e purgatório para conseguir chegar ao paraíso. A descrição do inferno transmite o horror do local; a escrita do poeta é envolvente e consegue estimular nossa mente a imaginar tal espaço.

É possível analisarmos a “A Divina Comédia” com base na cosmologia existente no medievo. Conforme lemos a obra, nos deparamos com o conhecimento que Dante possuía sobre as noções do mundo medieval. Para o poeta, a entrada do inferno estava próxima a Jerusalém, onde o próprio Lúcifer caiu quando banido do céu, o que deu origem um grandioso buraco que se afunila até o último círculo infernal, ou seja, no centro do planeta.

Também encontramos a descrição do próprio purgatório, um local distante do inferno, localizado ao oposto da cidade de Jerusalém, onde só há água. Neste local fica uma grande montanha onde estão aqueles arrependidos e esperançosos para atingir o paraíso. Já o próprio paraíso é descrito como o espaço onde estão os planetas ou estrelas andantes, cada um com uma determinada parte da hierarquia celestial. A própria Terra seria o centro do universo e ao seu redor às estrelas.

⁷ STRAPAÇÃO, Márcio José, *op. cit.*, p. 23.

⁸ Informação encontrada no prefácio da “*Divina Comédia: Inferno*” – Prefácio por Carmelo Distante, tradução e notas por Ítalo Eugenio Mauro. Edição bilíngüe da “*Divina Comédia*”, Editora 34. 2008, p. 12.

O inferno de Dante é composto por nove círculos, cada qual se diferencia pelas punições, pelos danados, pelo ambiente e pelos servos demoníacos. Logo na entrada do inferno, Dante e Virgílio se deparam com um grandioso portal: “Deixai toda esperança, ó vós que entráis”.⁹ Essa mensagem já limita as almas destinadas para este local, ela afirma que os danados não podem ascender para o paraíso quando dentro do inferno.

Ao caminharem, Dante e Virgílio chegam às margens do rio Aqueronte e aguardam pelo barqueiro Caronte para fazerem a travessia. Quando chegam em terra eles vêem um nobre castelo localizado no primeiro círculo do inferno, chamado Limbo, onde estão aqueles que não foram batizados e os que nasceram antes de Jesus Cristo.

Do segundo ao quinto círculo encontramos os pecados cometidos sem culpa, pela inconsciência humana. No início do segundo círculo, os peregrinos encontram a figura de Minós ou o juiz do inferno. Ele escuta as confissões de cada pecador e os distribui para os círculos de acordo com o número de voltas que se enrola em sua calda.¹⁰ Neste mesmo círculo são punidos os luxuriosos, jogados num turbilhão de vento violento. Adiante está o terceiro círculo, onde somos apresentados à figura do Cérbero que espanca os gulosos jogados na lama sob uma chuva incandescente.¹¹ Na entrada do quarto círculo, Dante e Virgílio se deparam com o demônio Plutão¹², que defende o local. Os avaros e pródigos são punidos neste círculo; eles empurram pesos enormes como castigo.

Dante e Virgílio descem mais e chegam ao rio de sangue fervente, chamado Estige, localizado no quinto círculo infernal; dentro do rio são castigados os irados. O personagem Flégias da mitologia grega que possibilita a travessia de Dante e Virgílio. Nesta passagem eles conhecem o sexto círculo do inferno, onde esta a cidade de Dite; ela é uma espécie de transição dos pecados sem culpa para aqueles realizados com consciência. Aqui são queimados os hereges, dentro de tumbas desprovidas de tampas.

Assim que os peregrinos chegam ao sétimo círculo, eles se deparam com o Minotauro de Creta e com o rio Flegonte. O minotauro é o guardião dos três vales, onde estão os culpados por violência. No primeiro estão os homicidas, no segundo os suicidas e no terceiro os violentos contra Deus.

⁹ DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia: Inferno*. São Paulo: Editora 34, 2008, p. 37.

¹⁰ *Ibid.*, p. 49.

¹¹ *Ibid.*, p. 55.

¹² *Ibid.*, p. 61.

Mais adiante eles chegam ao oitavo círculo ou Malebolge, aqui estão os fraudulentos. Ele é dividido em dez fossos, ligados por meio de pontes, os fraudulentos são: os sedutores, adutores, simoníacos, adivinhos, corruptos, hipócritas, ladrões do sagrado, maus conselheiros, semeadores da discórdia, e os alquimistas.

Na parte mais funda do inferno está o nono círculo, onde são punidos os traidores. Neste local deságuam os rios do inferno, o Estige, Flegetonte e Aqueronte, que formam o rio Cocito. Esta é a única parte do inferno que contradiz a noção tradicional que possuímos do mundo inferior; Dante apresenta uma parte do inferno fria ao extremo. Este círculo é dividido em quatro esferas: a Caína, Antenora, Ptoloméia e Judeca. Na última encontramos Lúcifer, aprisionado da cintura para baixo, ele é descrito com grandiosas asas e três cabeças, cada boca mastigando os traidores: Judas, Brutus e Cássio.¹³

O inferno de Dante comunica e mostra suas próprias regras, além de possuir localizações para os agentes de cada tipo de pecado.¹⁴ O autor descreve com detalhes os ambientes do pós-morte, ele pensa por meio de imagens com cunho moral-religioso. De acordo com o poema, a salvação deve ser buscada durante a vida, pois com a morte a sua sentença já esta delimitada.

Ao final da Idade Média esta representação do inferno é assimilada, e o diabo passa a ser temido como um ser monstruoso e assustador. O inferno passa a ser hegemônico a partir dos séculos XI ao XIII, a justiça infernal agrega espaço e passa a percorrer as mentalidades do homem medieval, “O século XIII é uma época de excepcional importância para a história do Diabo”.¹⁵

Dessa forma, Dante formaliza a estrutura do inferno, e cria a geografia deste espaço que possui um diabo aprisionado no centro da Terra. Também notamos a grande quantidade de mitos Greco-romanos que fazem parte do inferno Dantesco, como monstros e seres mitológicos que dão vida aos servos infernais. De acordo com Nogueira, o inferno possui

lagos de fogo e gelo, bestas formidáveis que se alimentam das almas dos avaros e dos religiosos infiéis aos seus votos, e pântanos fumegantes repletos de sapos, de serpentes e outros animais hediondos, que somente uma fantasia desenfreada e mórbida poderia conceber.¹⁶

¹³ *Ibid.*, p. 225.

¹⁴ SANQUINÉ, Milene G. S. *Expressões do inferno e tecnologias do imaginário: de Dante a Godard*. Porto Alegre. nov. 2008, p. 19.

¹⁵ NOGUEIRA, Carlos Roberto F., *op. cit.* p. 45.

¹⁶ *Ibid.*, p. 74.

Perante a passagem podemos comparar esta descrição do inferno com aquele organizado por Dante. Encontramos quatro lagos que formam o inferno dantesco, diversos demônios e seres monstruosos, que normalmente lembram o grotesco. As punições obedecem a uma categoria de pecados, aqueles que foram violentos serão punidos de uma maneira diferente dos que praticaram a gula. Alguns historiadores buscam a relação dos pecados presentes no inferno dantesco com a teoria aristotélica:

[...] muitos intérpretes e comentaristas desejam demonstrar que correspondem ao conjunto dos elementos elencados por Aristóteles para o mal: disposição à incontinência, disposição à bestialidade e a disposição à malícia.[...].¹⁷

Além disso, precisamos compreender a definição de inferno. De acordo com o “*Dicionário de símbolos*”, a significação do termo inferno é:

todos os mortos no inferno levam uma vida de sombra. Em numerosas religiões é o lugar do castigo no além, o tradicional oposto do céu, o reino dos cruéis dominadores do outro mundo ou do diabo. Geralmente representado como lugar de calor insuportável ou de tormentos pelo fogo, raramente como lugar de frio gelado.¹⁸

Aqui encontramos algumas características tradicionais do termo; o inferno é sempre lembrado como um local quente, onde são punidos os danados, ou seja, aqueles que pecaram durante a vida. Analisamos um imaginário que teme o desconhecido, e que retrata o inferno como um local de tormento e punição. O poema de Dante Alighieri descreve ao leitor uma geografia do inferno por meio de uma estrutura original, com nove círculos infernais; discutiremos sobre o seu sétimo círculo.

II. O Sétimo Círculo e seus vales

A própria constituição do inferno passa por um processo de estruturação no ambiente medieval. A delimitação de um lugar para o horrendo e demoníaco é construída pela mentalidade dos indivíduos. A igreja cristã fortifica esta construção, e afirma que o diabo e os seus servos estão soltos, o que resulta no crescimento do medo frente ao desconhecido. No inferno dantesco encontramos diversos códigos que compõem uma representação coletiva no medievo. Estas representações mostram o modo pelo qual, em diferentes períodos, uma realidade foi construída e tornou-se dominante.

¹⁷ STRAPACÇÃO, Márcio José, *op. cit.*, p. 26.

¹⁸ BECKER, Udo. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Editora Paulus, 2007, p. 151.

Para que esta realidade seja absorvida pelo homem medieval, é necessária uma apropriação que fortalece a presença das representações. Segundo Chartier, “[...] considerando que não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido a seu mundo”.¹⁹

As representações são formas ou práticas sociais que dão sentido ao mundo no qual o indivíduo está inserido. Este conceito divulgado e defendido por Chartier permite o estudo das simbologias deste inferno dantesco. A construção e a necessidade desta estrutura mostram uma sociedade contornada por um ideário religioso, os círculos do inferno são representações de uma sociedade condenada pelo pecado, e é esta a maneira que ela encontra para organizar o mundo medieval.

Para que as representações façam parte do cotidiano do ser humano, é necessária uma apropriação. Ela acontece, quando determinada sociedade passa a agregar e utilizar diferentes tendências culturais ou sociais. Com isso ela constrói sua identidade coletiva e passa a moldar suas regras e o seu comportamento. Assim são agregadas representações de mundo que passam a explicar o desconhecido. De acordo com Chartier, “A apropriação tal como a entendemos visa uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem”.²⁰

A “Divina Comédia” mostra as visões de mundo da sociedade medieval, sendo o inferno dantesco uma leitura das representações religiosas deste período. O inferno é caracterizado como quente, horrendo, grotesco, escuro e desesperador. A maneira como Dante descreve o inferno transmite apreensão e medo por parte dos personagens; muitas vezes ao longo da jornada o Dante-personagem desmaia ao assistir os castigos e também se entristece com a situação dos praticantes do mal. Para os leitores de Dante a análise do inferno passa uma mensagem àqueles que ainda estão vivos: as pessoas podem se arrepender dos pecados cometidos ou não cometer os pecados descritos pelo poeta, ou seja, a salvação para Dante só pode ser conquistada durante a vida.

O sétimo círculo do inferno é narrado nos Cantos XII ao XVII, aqui estão aqueles que praticaram a violência. De acordo com Dante, a violência pode ser praticada em três formas: o homicídio, o suicídio e a violência contra o

¹⁹ CHARTIER, Roger. *A Beira da Falésia: A História entre Incertezas e Inquietude*. Editora Universidade/UFRGS, Porto Alegre, 2002, p. 66.

²⁰ *Ibid.*, p. 68.

próprio Deus. Para cada tipo de ato violento é delimitado um lugar no inferno, e conseqüentemente diferentes castigos eternos. Portanto, o sétimo círculo é dividido em três diferentes sessões, chamadas de giros ou vales.

No primeiro giro estão aqueles que praticaram a violência contra os outros: os homicidas, ladrões e tiranos. Logo no início, os personagens são surpreendidos pelo Minotauro de Creta, enraivecido pela presença de um vivo entre aqueles que morreram, mas rapidamente repreendido por Virgílio.

A presença do signo Minotauro como guardião dos giros é uma representação da brutalidade, da própria violência; um animal que age por extinto. Este giro é banhado pelo rio Flegetonte, que significa: rio de sangue fervente; os pecadores estão mergulhados neste rio, e sofrem com a efervescência do sangue. Dante nomeia aqueles que estão presentes entre os danados, Alexandre, Dionísio, Azzolino (tirano de Pádua) e Opizzo d'Este (tirano de Ferrara) Átila, Pirro (filho de Aquiles), Sesto, Rinier de Corneto e Rinier Pazzo:

Aqui expiam seus feitos desumanos
Alexandre, e Dionísio: a adversidade
que a Sicília sofreu por longos anos.

Essa testa, que o negro pelo invade,
é de Azzolino, e aquele loiro, ao fundo,
é Opizzo d'Este que, a bem da verdade,

pelo enteadado foi morto lá no mundo'.²¹

Logo adiante alguns Centauros armados com arco e flechas se apresentam para os peregrinos. Novamente possuímos um animal para organizar o giro, mais propriamente seres simbólicos que representam a união de duas naturezas, a animal e a humana; “E o mestre então, já lhe chegando ao peito, onde a sua dupla natureza assume”.²² A função dos centauros é manter os danados dentro do rio de sangue, atirando flechas quando algum deles tenta escapar. Dois centauros se destacam no inferno de Dante: Nesso²³ e Quíron²⁴. O primeiro acompanha Dante e Virgílio em sua travessia pelo primeiro giro, e o segundo é chefe dos demais.

²¹ DANTE ALIGHIERI, *op. cit.*, p. 94.

²² *Ibid.*, p. 94.

²³ Nesso foi o centauro morto por Hércules ao tentar raptar-lhe a mulher Dejanira.

²⁴ Quíron foi o centauro preceptor de Aquiles.

O rio Flegentonte simboliza o sangue derramado pelos homicidas; os crimes de sangue são todos agrupados como um ato homicida. Somente no final da Idade Média eles serão reconhecidos como algo próximo do sentido atribuído ao assassino.²⁵ De acordo com Carmelo Distante, Dante atribui a salvação para as almas virtuosas,

a salvação só é possível para quem possuir as quatro virtudes cardeais, força, justiça, prudência e temperança - em conjunção com as três virtudes teológicas, fé, esperança e caridade, únicas que conduzem a Deus.²⁶

A espiritualidade do praticante da violência não atendia às práticas virtuosas reconhecidas pela religião cristã. De acordo com o cristianismo, o livre-arbítrio possibilita que o ser humano aja por meio de suas escolhas. E o sétimo é um dos quatro círculos que pune os pecados atribuídos aos atos conscientes do homem. A própria consciência administra aquilo que é certo e errado e torna possível a ação de escolher entre ambos, “A criatura que aspira a se unir a seu Criador só chegará a isso por uma prática intensa das virtudes [...]”²⁷. Segundo Cappelari, “[...] O que o torna um malfeitor é a sua capacidade de escolher e saber o que faz, a sua consciência. [...] Assim, o animal não é capaz de fazer o mal. Apenas o homem o é”.²⁸ Muitas vezes o próprio demônio aparecia como um incentivador dos pecados, uma válvula de escape ou uma desculpa para toda má ação.²⁹

Dante e Virgílio continuam sua descida pelo inferno, e chegam ao segundo giro do sétimo círculo, onde estão os violentos contra si mesmos: os suicidas. No imaginário medieval, este ato era interpretado como uma tentação que provinha dos demônios. O suicida foge da idéia linear de ordem presente no medievo, na qual uma sociedade estamental determinava a atuação dos indivíduos. O suicida busca, muitas vezes, uma fuga do mundo no qual esta limitado; e suas escolhas acabam resultando na morte.

²⁵ LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2002, p. 609.

²⁶ Informação encontrada no prefácio da “*Divina Comédia: Inferno*” – Prefácio por Carmelo Distante, tradução e notas por Ítalo Eugenio Mauro. Edição bilíngüe da “*Divina Comédia*”, Editora 34. 2008, p. 8.

²⁷ VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental; Séc. VIII a XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 177.

²⁸ CAPPELLARI, M. S. V. *As representações visuais do mal na comunicação: imaginário moderno e pós-moderno em imagens de a Divina Comédia e do filme Constantine*. 353f. (tese de doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007, p. 18.

²⁹ NOGUEIRA, Carlos Roberto F., *op. cit.*, p. 23.

O segundo giro é apresentado como um local sem vida, com árvores secas e sem folhas, habitado por inúmeras harpias³⁰ que fazem ninhos nas árvores que ali se encontram. As árvores são as almas dos suicidas, que perdem a liberdade de movimentação dos membros, e são constantemente atormentados pelas harpias que ao tentarem fazer seus ninhos, acabam arranhando os galhos. O Dante-personagem interage com uma das almas:

Levei a mão à primeira das tantas,
E um raminho arranquei de um espinheiro;
Gritou seu cepo: ‘Por que me quebrantas?’.

Após de sangue se cobrir inteiro,
Disse ainda: ‘O que faz que me atormentes?
Não tens pena o espírito primeiro?’³¹

No terceiro giro estão os violentos contra Deus: são punidos os blasfemos (contra a palavra de Deus), os usurários (contra a sabedoria de Deus) e os sodomitas (contra a natureza divina). O giro é descrito como um grande areão ardente sob constante chuva flamejante, a chuva não atinge as margens do rio o que permite Dante e Virgílio realizarem a travessia. Cada um dos pecadores tem o corpo posicionado em diferentes formas: os blasfemos estão deitados no areão, os usurários estão sentados e os sodomitas são obrigados a caminhar.

Supina, ao chão jazia alguma gente,
outra sentava, toda reunida,
caminhava outra continuamente.

Mias numerosa era essa turma erguida,
menos a que jazia para o tormento,
mas tinha à dor a língua irreprimida.

Sobre todo o areal, em jorro lento,
choviam chispas de fogo dilatadas,
como de neve em montanha sem vento.³²

A manutenção da espiritualidade católica era ameaçada pela violência contra Deus. Os blasfemos, usurários e sodomitas são queimados por inteiro; neste giro eles sentem dor e humilhação perante as idéias que defenderam ou realizaram enquanto vivos. O próprio homem se condenava ao agir contra as

³⁰ São animais mitológicos presentes na Eneida; as hárpias possuem o rosto de mulher e o corpo de ave.

³¹ DANTE ALIGHIERI, *op. cit.*, p. 98.

³² *Ibid.*, p. 104.

idéias defendidas pela igreja cristã; a própria instituição fornecia meios para que as pessoas se defendessem dos demônios e dos seres sobrenaturais que participavam das representações medievais,

[...] a igreja organiza a luta contra o diabo e o inferno; exorcismo, orações, fazem parte desse arsenal de defesa contra satã. Mas, nesse mundo em que o poder tem sempre formas imperiais, satã se torna aquilo que Dante chamará “*l’imperador Del regno doloroso*”. [...] ³³

A violência contra o outro não era interpretada como um ato condenável, desde que praticada sem excessos. Todo o ato que ameaçava a ordem da sociedade medieval era considerado uma ação condenável, como a heresia, a blasfêmia, a sodomia, o estupro, roubar da igreja ou até mesmo matar um padre. Alguns tipos de violência não eram interpretados como algo maligno, e muitas vezes eram defendidos pela igreja cristã, como por exemplo, as cruzadas, a defesa da honra, e a manutenção da ordem.

[...] As alusões aos temperamentos que se inflamam sem razão, têm certamente tendência a se multiplicar ao final da idade Média, como demonstra o impacto dos discursos da Igreja e do Estado para defender a paz a todo preço; em compensação, a agressão raramente é condenada quando resulta de uma causa considerada justa e quando se desenrola segundo as regras da vingança reconhecidas por todos. São os excessos de violência que são objetos de condenações, não a violência propriamente dita. [...] ³⁴

Ao lermos mais atentamente o inferno de Dante, percebemos que os condenados pela violência contra o outro são na grande maioria homens. O Dante-personagem conversa com alguns dos danados durante a peregrinação por este círculo; todos eles são do gênero masculino. A honra das mulheres encontrava-se sob defesa dos homens, eles defendiam sua família, a Igreja, ou a sua própria honra. Assim, perante o inferno de Dante encontramos homens importantes que praticaram a violência em excesso e, dessa forma foram condenados por seus pecados. Segundo Gauvard:

[...] Assim se explica que a violência seja quase exclusivamente masculina: a honra das mulheres está nas mãos dos homens. E, nesse contexto, todos os homens são abrangidos, jovens ou velhos, casados ou solteiros, clérigos ou leigos. Sua violência tem por toda parte o mesmo perfil, o de uma luta para defender sua honra e a de sua parentela. ³⁵

³³ LE GOFF, J. *As Raízes medievais da Europa*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007, p. 93.

³⁴ GAUVARD, Claude. “Violência”. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2002, p. 607.

³⁵ *Ibid.*, p. 610.

Perante a leitura do poema notamos a precisão com que Dante descreve e dá vida ao inferno cristão. Uma das representações que podemos apresentar é a própria necessidade de informar a existência do inferno, do mal, e das punições que a alma sofreria quando condenada. Os seres infernais, o inferno e o diabo faziam parte da mentalidade do medievo. Era necessário conscientizar o homem de que a salvação poderia ser alcançada desde que ele se libertasse dos bens mundanos e passasse a acreditar nos bens celestiais. Nas igrejas eram comuns as pregações que destacavam o inferno, ou o diabo; o medo passou a fazer parte do arsenal da pregação da fé, o mal era necessário para gerar a comparação e ascensão do bem.

[...] Era *necessária* para a coletividade cristã a existência e a encarnação do Mal. Era preciso que fosse visto, Tateado, tocado, para que o Bem surgisse como graça suprema – o Belo e o Divino, em oposições ao Horrível e Demoníaco.³⁶

A representação do sétimo círculo do inferno é uma figuração dos mecanismos de pensamentos pertencentes ao homem medieval que condenava e punia os atos violentos. O inferno de Dante possui diversas representações coletivas, signos que pedem um significado. A necessidade de manter a ordem na sociedade tornou possível a ambientação de um local que condenasse aqueles que fugiam ao modelo de sociedade apresentado. A proliferação do caos foi sinônimo de intervenção maligna, ou de tentação do diabo. O sétimo círculo informa quais eram as violências condenadas por Dante: a violência contra o outro, contra a si mesmo e contra Deus.

Além disso, o poeta formula sistemas de punição que funcionam de acordo com uma legislação sobrenatural; os homicidas, tiranos e ladrões ferviam no sangue; os suicidas foram condenados a passar a eternidade como árvores sofrendo com os arranhões das harpias; os blasfemos, usurários e sodomitas foram condenados ao areão ardente sob constante chuva de fogo.

Fontes

ALIGHIERI, D. *A Divina Comédia: Inferno*. Prefácio por Carmelo Distante, tradução e notas por Ítalo Eugenio Mauro. Edição bilíngüe. São Paulo: Editora 34. 2008.

Bibliografia

BECKER, Udo. *Dicionário de Símbolos*. 2ª ed. São Paulo: editora Paulus, 2007

CAPPELLARI, M. S. V. *As representações visuais do mal na comunicação: imaginário moderno e pós-moderno em imagens de a Divina Comédia e do filme Constantine*. 353f. (tese de doutorado em

³⁶ NOGUEIRA, Carlos Roberto F., *op. cit.*, p. 79.

- Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- CHARTIER, Roger. *A Beira da Falésia: A História entre Incertezas e Inquietude*. Editora Universidade/UFRGS, Porto Alegre, 2002.
- LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2002.
- LE GOFF, J. *As Raízes medievais da Europa*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no Imaginário Cristão*. Editora Ática, São Paulo, 1986.
- STRAPAÇÃO, Márcio José. *Beatriz: a Figura do Conhecimento como uma Ascese em Direção ao Espírito*. 2009.
- SANQUINÉ, Milene G. S. *Expressões do inferno e tecnologias do imaginário: de Dante a Godard*. Porto Alegre. nov. 2008.
- VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental; Séc. VIII a XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.